

ESTELA FUNERÁRIA DE VILA DO TOURO (SABUGAL)

Estela funerária de granito, de grão fino, identificada em Março de 1998, durante as obras de reabilitação de um edifício particular na Rua Direita, em Vila do Touro (concelho do Sabugal). A epígrafe encontra-se reaproveitada no resguardo do balcão de entrada da casa.

Trata-se de um monumento de fabrico cuidado, embora se encontre bastante degradado nas faces laterais, pelo desgaste e pela posterior reutilização. A face que ostenta a inscrição foi ligeiramente alisada.

O campo epigráfico apresenta-se escavado e é definido por uma moldura bastante gasta e destruída, correspondendo a uma faixa de 4,5 cm., no cimo e nos lados. A moldura está separada da base por um filete duplo de 3,5 cm., seguido de ranhura. O topo poderia ter um acabamento trabalhado, não visível.

A base possui um estreitamento recente, apenas na face lateral esquerda. A face anterior da base está também alisada. No fundo da base, identifica-se um orifício, de modo a colocar a estela na vertical sobre um espigão metálico.

Dimensões: 111 x 46 x 23.

Campo epigráfico: 61 x 38.

[T]ANGINO / TALAVI(i) F(ilio) AN/NORVM LXX (*septuaginta*) / PATRI · ET · TAN^oGINO TALA/VI(i) F(ilio) ANNORV/M · XX (*viginti*) · TALAVI/VS · TANGINI · F(ilius) // F(*aciendum*) C(*uravit*)

Ao pai Tangino, filho de Talávio, de setenta anos, e a Tangino, filho de Talávio, de vinte anos – Talávio, filho de Tangino, mandou fazer.

Altura das letras: l. 1: 5; l. 2: 5,1; l. 3: 4,9; l. 4: 5,2; l. 5: 5,6; l. 6: 4,5; l. 7: 4,8; l. 8: 4,4; l. 9: 5,9. Espaços: 1: 1,9; 2: 3,2; 3: 4; 4: 3,2; 5: 3,1; 6: 3,8; 7: 2; 8: 0,7; 10: 1,9 dentro, mais 4,5 fora.

O texto apresenta-se completo, distribuído pela totalidade do campo epigráfico, dividido em nove linhas. O *ordinator* pretendeu alinhá-lo de modo justificado. As últimas linhas do campo epigráfico foram apertadas, dada a exiguidade do espaço que sobrou. A l. 9, com a fórmula final, foi gravada fora do campo epigráfico, abaixo da moldura.

As letras lêem-se com facilidade, embora se encontrem ligeiramente desgastadas, faltando apenas o T do nome do 1.º defunto. Os caracteres são irregulares, mas algumas letras aproximam-se do tipo monumental quadrado, como é o caso dos O e dos A. Apenas nas l. 4, l. 7 e l. 8 se observam pontos de separação entre as palavras.

A antroponímia é indígena, abundantemente conhecida na região. *Tancinus* (ou *Tanginus*) é dos *cognomina* indígenas mais vulgares neste território da Lusitânia. Quanto a *Talavius*, surgem-nos também diversos exemplos na região galaico-lusitana¹.

Os laços familiares são nítidos: o dedicante é filho de um dos defuntos e é pai do outro. A inscrição revela o facto curioso da permanência e reutilização de patronímicos pela linha paterna. Os defuntos, avô e neto, possuem o mesmo nome - *Tancinus*. O dedicante - *Talavius* - tem também o mesmo nome do seu avô.

A paleografia, a onomástica indígena, o formulário (ausência de invocação aos deuses Manes) e o tipo de monumento sugerem uma datação da primeira metade do séc. I d. C.

MARCOS OSÓRIO

¹ Ambos os antroponímicos são registados em ALBERTOS FIRMAT, M^a. de Lourdes (1966), *La onomastica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*, Theses et Studia Philologica Salmanticensia, XIII, Salamanca, p. 218.



281

Ficheiro Epigráfico, 62, 1999